



Teste Intermédio

Português

Entrelinha 1,5 (Versão única igual à Versão 1)

Duração do Teste: 90 minutos | 07.02.2013

9.º Ano de Escolaridade

Na folha de respostas, indica, de forma legível, a versão do teste (Versão 1 ou Versão 2). A ausência dessa indicação implica a classificação com zero pontos das respostas aos itens 1.1., 1.2., 1.3. e 1.4. do Grupo I e aos itens 2. e 3. do Grupo II.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Sempre que precisares de alterar ou de anular uma resposta, risca, de forma clara, o que pretendes que fique sem efeito.

Escreve, de forma legível, a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. Todas as respostas devem ser registadas na folha de respostas.

As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para cada item, apresenta apenas uma resposta. Se apresentares mais do que uma resposta a um mesmo item, só a primeira será classificada.

Para responderes aos itens de associação/correspondência, escreve, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica cada elemento da coluna A e o número que identifica o único elemento da coluna B que lhe corresponde.

Para responderes aos itens de escolha múltipla, escreve, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado do teste.

GRUPO I

PARTE A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

Encantamentos

1 – Para que serve a poesia?

Esta é uma daquelas questões que, cedo ou tarde, todos os poetas enfrentam. A resposta mais frequente, mais falha de
5 imaginação e de verdade, assegura que a poesia não serve para nada. Alguns poetas, em especial os portugueses, acrescentam a seguir que também a vida não serve para nada, etc.

10 Na origem, a poesia era uma disciplina da magia. Servia para encantar. Continua a ser assim, embora, no sentido literal, poucas pessoas ainda exercitem essa antiquíssima arte. Uma tarde, em Benguela¹, conheci uma
15 das derradeiras praticantes. Almoçava com amigos, e amigos de amigos, num desses quintalões antigos, carregados de frutos, e de boa sombra, da cidade das acácias rubras. A determinada altura escutei um sujeito que se
20 referiu a uma tal Dona Aurora:

– A velha receita poesias.

– Recita – corrigi.

O homem, um oficial do exército, encarou-me, irritado:

25 – Não senhor! Receita! Dona Aurora receita poesias. Resolve problemas de amor, amarrações, mau-olhado, tudo com versinhos.

Fiquei interessado. Anotei o endereço da curandeira num guardanapo e na manhã
30 seguinte bati-lhe à porta.

Dona Aurora morava na Restinga², num casarão, em madeira, muito maltratado. A velha senhora, miúda, muito magra, vestia de cor de rosa. Toda a sua força parecia residir na cabeleira, a qual mantinha uma vigorosa
35 rebeldia juvenil. Convidou-me a entrar. Móveis dos anos 50, muito gastos. Estantes carregadas de livros velhos. Aproximei-me. Poesia, e mais poesia: Florbela, Camões, Vinicius, José Régio, Sophia, Drummond, Manuel Bandeira, tudo misturado, num bem-aventurado desrespeito a fronteiras
40 políticas, estéticas e ideológicas. «O meu marido sempre gostou de poesia», justificou-se: «Eu, menos. Foi só depois de ele morrer, há
45 30 anos, que descobri o poder dos versos.»



Acontecera um pouco por acaso – contou. Uma tarde deu-se conta de que certos sonetos parnasianos³ (os mais trabalhosos) a
50 ajudavam a vencer a insónia. Mais tarde, que

João Cabral de Melo Neto, a partir de «O cão sem plumas», era muito eficaz no combate à cefaleia⁴. Pouco a pouco foi desenvolvendo um método. Combatia a prisão de ventre 55 lendo alto a *Sagrada Esperança*⁵. Mantinha o quintal livre de ervas daninhas, percorrendo-o, ao crepúsculo⁶, enquanto soprava devagar «O guardador de rebanhos»⁷.

60 Numa cidade pequena não tardou que 70 tais excentricidades lhe trouxessem, primeiro inimigos, e depois devotos seguidores e pacientes. Hoje, ela recebe a todos, ricos e pobres, na sala onde me recebeu a mim. Ouve as suas queixas, levanta-se, percorre as estantes, e regressa com a solução. «Quem me procura mais são mulheres querendo reconquistar os maridos. Recomendo que lhes murmurem, enquanto dormem, algum Neruda, às vezes Camões, outras Bocage.»

70 Dona Aurora não aceita dinheiro pelos serviços prestados. «Não sou eu quem cura», explicou-me, «é a poesia».

José Eduardo Agualusa (texto) e Pedro Vieira (ilustração), *Ler*, maio de 2012 (adaptado)

VOCABULÁRIO E NOTAS

¹ *Benguela* – cidade angolana, capital da província de Benguela.

² *Restinga* – zona da cidade do Lobito, na província de Benguela.

³ *sonetos parnasianos* – composições poéticas com características do parnasianismo, uma corrente literária.

⁴ *cefaleia* – dor de cabeça forte e persistente.

⁵ *Sagrada Esperança* – obra de Agostinho Neto, poeta e primeiro presidente da República de Angola.

⁶ *crepúsculo* – luminosidade que ocorre antes do nascer do dia ou após o pôr do sol.

⁷ «*O guardador de rebanhos*» – título de um conjunto de poemas escrito por Fernando Pessoa.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1. a 1.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- 1.1. Segundo o autor, «– Para que serve a poesia?» (linha 1) apresenta-se aos poetas como uma questão

- (A) inédita.
- (B) inevitável.
- (C) invulgar.
- (D) inimaginável.

- 1.2. A confusão gerada entre «receita» (linha 21) e «Recita» (linha 22) deve-se ao facto de se tratar de palavras

- (A) com um significado muito próximo.
- (B) da mesma família.
- (C) do mesmo campo lexical.
- (D) com uma sonoridade muito próxima.

- 1.3. Os exemplos de aplicação do método que Dona Aurora foi desenvolvendo, apresentados nas linhas 54 a 58, têm em comum o facto de incluírem referência

- (A) à frequência com que a leitura do poema deve ser realizada.
- (B) à extensão do poema que deve ser lido.
- (C) ao modo como o poema deve ser lido.
- (D) ao espaço em que a leitura do poema deve ser realizada.

- 1.4. De acordo com o último parágrafo do texto, pode afirmar-se que Dona Aurora revela

- (A) oportunismo e arrogância.
- (B) ambição e inveja.
- (C) generosidade e modéstia.
- (D) humildade e rebeldia.

2. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação **falsa**, de acordo com o sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- (A) «que» (linha 19) refere-se a «um sujeito».
- (B) «a qual» (linha 35) refere-se a «Toda a sua força».
- (C) «ele» (linha 45) refere-se a «O meu marido».
- (D) «lhes» (linha 68) refere-se a «os maridos».

Responde, de forma completa e bem estruturada, ao item que se segue.

3. Lê o comentário seguinte.

A ilustração, representando a figura do poeta Luís de Camões, um estetoscópio, uma pena e alguns medicamentos, é adequada ao sentido do texto de José Eduardo Agualusa.

Defende este comentário, fundamentando a tua resposta na leitura do texto e da ilustração que o acompanha.

PARTE B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

1 Foi nesta mesma sala que, há anos, a rapariga me procurou para dizer isso mesmo: que tinha um alfinete, um alfinete de ama, atravessado na garganta. Ela, miudinha e frenética, embora a sua presença fosse graciosa, não vinha só: escoltava-a uma tia que nem parecia do mesmo sangue, tesa e maciça, lembrando um granadeiro¹ em dia de parada². A sobrinha
5 nem em bicos dos pés lhe chegaria à barbela. Sob a coação³ insistente de um cotovelo da mulhereça, a rapariga confessou, numa secura ríspida, de quem já se cansou de falatórios inúteis:

– A minha doença é aqui. – E os dedos localizavam-na sem hesitação, quase de um modo provocante: – Tenho um alfinete de ama espetado na garganta.

10 Não podia ser. Mas o difícil estaria em convencê-la, pobre nevrótica⁴, de que é impossível que alguém tenha um alfinete de ama espetado na garganta. Nem ela vinha ali para a desmentirem. E quando insinuei cautelosamente as minhas dúvidas, usando palavras embuçadas⁵, o queixo emproou-se-lhe, num ar de afronta, e também os olhos da tia, duas ranhuras metálicas a cortarem as pálpebras fofas, logo se cerraram, esquivando-se à heresia⁶. Teria, enfim, de lutar
15 com ambas. Foi a tia que, mais demolidora na sua recusa em me aceitarem os argumentos, mo fez sentir, sob o peso do seu garbo⁷:

– Isso é o que o senhor doutor imagina. Outros médicos já disseram o mesmo à minha sobrinha, ainda não houve um que não se tivesse enganado. Um deles chegou a mandá-la tirar uma radiografia, para nos provar que nada aparecia na chapa.

20 – E apareceu?

– Disseram eles que não. Veem as coisas à ligeira. Mas o alfinete está ali. Ela bem o sente.

O caso iria sangrar-me a paciência. Mas, pela sua invulgaridade, eu dispunha-me à sangria. Tinha de averiguar até que ponto os nervos e o psiquismo da rapariga estariam perturbados, qual o papel da tia, autoritária e boçal⁸, no apego àquela cisma⁹. Porém, toda a observação,
25 que elas, flagrantemente, consideraram supérflua e abusiva, me deixou desarmado. A rapariga era saudável, as suas reações respondiam normalmente às minhas artimanhas.

– Muito bem – disse eu, mudando de pista. – E como é que a senhora engoliu o alfinete?

Fernando Namora, «A Mulher que Engolia Alfinetes», *Retalhos da Vida de um Médico, Segunda Série*, 11.ª ed., Amadora, Livraria Bertrand, 1978

VOCABULÁRIO

¹ *granadeiro* – soldado encarregado de lançar granadas.

² *parada* – desfile de tropas.

³ *coação* – pressão.

⁴ *nevrótica* – neurótica; pessoa que apresenta perturbações a nível afetivo e emocional.

⁵ *embaçadas* – disfarçadas.

⁶ *heresia* – ato ou palavra considerados ofensivos para a religião; opinião absurda.

⁷ *garbo* – brio; dignidade.

⁸ *boçal* – rude; ignorante.

⁹ *cisma* – ideia fixa.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4. Indica o tipo de relação que, no primeiro parágrafo, se estabelece entre as características da tia e as características da sobrinha.

Justifica a tua resposta, fundamentando-a em elementos textuais.

5. Explica o sentido das seguintes palavras do narrador: «Teria, enfim, de lutar com ambas.» (linhas 14 e 15).

6. Indica dois comportamentos da tia que permitem ao narrador afirmar que ela é «autoritária e boçal» (linha 24).

7. Identifica o problema a que o médico se refere com a palavra «cisma» (linha 24) e menciona os aspetos que ele vai explorar para tentar resolver esse problema.

8. Relê o último parágrafo do texto.

Explicita a razão pela qual a pergunta feita pelo médico corresponde a uma mudança de «pista» (linha 27).

9. O parágrafo que se segue não pode ser a continuação da narrativa que acabaste de ler, pois apresenta aspetos incoerentes com o texto da Parte B.

A rapariga, que me fazia lembrar um pássaro que debica enquanto está atento a uma armadilha, consultou a tia antes de responder, pois era a primeira vez que se encontrava perante um médico. O consentimento foi-lhe dado pela tia, que, com um gesto de impaciência, me revelou, novamente, a sua descrença no problema da sobrinha.

Identifica dois aspetos que provocam essa incoerência, fundamentando a tua resposta em elementos do texto da Parte B.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Completa cada uma das frases seguintes com a forma adequada do verbo apresentado entre parênteses, usando apenas tempos simples.

Escreve a letra que identifica cada espaço, seguida da forma verbal correta.

No próximo ano, talvez **a)** (haver) mais poetas presentes na feira do livro.

O ator não esperava que **b)** (aparecer) tantos alunos no recital.

O professor quer que eu, a Ana e o Bruno **c)** (participar) na comemoração do Dia Mundial da Poesia.

Era desejável que estas obras de Camões, de Bocage, de Pessoa, enfim, tudo **d)** (cabem) nesta estante.

2. Associa a cada função sintática da coluna A uma única frase da coluna B, de modo a identificares a expressão sublinhada que corresponde a cada função sintática.

Escreve as letras e os números correspondentes. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

COLUNA A	COLUNA B
(a) complemento direto	(1) <u>Pedro</u> , se puderes, lê o último livro deste autor.
(b) complemento indireto	(2) Chegaram, ontem, <u>novos livros</u> à biblioteca.
(c) predicativo do sujeito	(3) Fui a casa buscar uma antologia de autores <u>brasileiros</u> .
(d) sujeito	(4) Comprei um livro de poesia, mas ainda não <u>o</u> li.
(e) vocativo	(5) Os alunos da turma <u>escreveram um poema coletivo</u> .
	(6) Prestei muita atenção à <u>leitura do poema</u> .
	(7) Os temas dos textos deste poeta continuam <u>atuais</u> .
	(8) Este poema <u>de Camões</u> foi musicado por José Afonso.

3. Selecciona a opção que corresponde à forma passiva da frase «A Maria vai entrevistar o poeta, por causa do trabalho de Português.».

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- (A) «A entrevista da Maria ao poeta vai ser feita, por causa do trabalho de Português.»
(B) «Quem vai entrevistar o poeta, por causa do trabalho de Português, é a Maria.»
(C) «Por causa do trabalho de Português, o poeta vai dar uma entrevista à Maria.»
(D) «O poeta vai ser entrevistado pela Maria, por causa do trabalho de Português.»

4. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando locuções conjuncionais das subclasses indicadas entre parênteses.

Faz apenas as alterações necessárias.

- a) Conclui esse trabalho.

Lê este livro.

(locução conjuncional subordinativa temporal)

- b) O contacto com a poesia é benéfico na infância.

Ofereci um livro de poemas ao meu irmão mais novo.

(locução conjuncional subordinativa causal)

- c) Escreve um poema.

Tenho insistido contigo.

(locução conjuncional subordinativa final)

GRUPO III

O texto da Parte A apresenta uma personagem que utiliza a poesia para encantar e que receita poemas para curar determinados males.

Escreve um texto narrativo em que imagines um episódio no qual a poesia, um poeta ou um poema em particular tenham um papel fundamental. Na tua narrativa, deves incluir, pelo menos, um momento de descrição e um momento de diálogo.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines o teu texto.

Observações relativas ao Grupo III:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2013/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos);
 - um texto com extensão inferior a 60 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

1.		
1.1.	3 pontos
1.2.	3 pontos
1.3.	3 pontos
1.4.	3 pontos
2.	3 pontos
3.	5 pontos
4.	5 pontos
5.	5 pontos
6.	5 pontos
7.	5 pontos
8.	5 pontos
9.	5 pontos
		<hr/>
		50 pontos

GRUPO II

1.	6 pontos
2.	5 pontos
3.	3 pontos
4.	6 pontos
		<hr/>
		20 pontos

GRUPO III

.....	30 pontos
	<hr/>
	30 pontos

TOTAL **100 pontos**